

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano  
– Leitura e Comentário

Rebeka Landim Rafael – rebeka\_landim@hotmail.com

**Resumo:** De acordo com a proposta da atividade de leitura e comentário dos textos dos Escritos, e tendo como matéria-prima o título e os termos que se repetem ao longo do texto lacaniano, o presente comentário visa responder do que se trata a subversão do sujeito, em contraponto ao sujeito da ciência, e como se estabelece a dialética do desejo a partir da descoberta freudiana. Por meio de algoritmos presentes no grafo do desejo, é possível recolher as coordenadas sobre como a maquinaria inconsciente opera, mas também como intervir enquanto analistas.

**Palavras-chave:** subversão; dialética; inconsciente; grafo do desejo.

São Paulo  
2023

# Vox Institute for Research and Training in Psychoanalysis



## Subversion of the Subject and Dialectics of Desire in the Freudian Unconscious – Reading and Commentary

Rebeka Landim Rafael – [Rebeka\\_landim@hotmail.com](mailto:Rebeka_landim@hotmail.com)

**Abstract:** Accordingly with the proposal of the activity of reading and commentary on the texts of the Writings, and having as raw material the title and terms that are repeated throughout the Lacanian text, the present text aims to answer what the subversion of the subject is about, in counterpoint to the subject of science, and how the dialectic of desire is established based on the Freudian discovery. Through algorithms present in the graph of desire, it is possible to bring together on how the unconscious machinery operates, but also how to intervene as analysts.

**Keywords:** subversion; dialectic; unconscious; graph of desire.

São Paulo  
2023

Na apresentação do texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, Lacan estava advertido a respeito de sua plateia. A convite de Jean Wahl, compareceu ao Congresso em Royaumont intitulado “Colóquios filosóficos internacionais” sobre *A dialética*, em setembro de 1960, e iniciou sua comunicação falando de Hegel e a *Fenomenologia do espírito*. Não é a primeira nem a última vez que Lacan dialoga com Hegel, mas, aqui, ele localiza o sujeito hegeliano, para estabelecer distinções com o que a psicanálise apreende por sujeito, ao mesmo tempo em que tenta estabelecer uma estrutura constitutiva da práxis psicanalítica, no momento em que esta sofre os efeitos da ausência de status científico, fruto de uma carência teórica e de um abuso em sua transmissão. Lacan parte da relação do sujeito com o saber, marcada pela ambiguidade, e reconhece no sujeito absoluto de Hegel o sujeito abolido da ciência, forjado a partir do cogito cartesiano, consciente de si e das representações que chegam do mundo até ele, e que, ainda assim, carrega consigo um ponto de ignorância: “Ora, esse sujeito que deve saber o que faz, ao menos segundo se presume, não sabe o que, de fato, nos efeitos da ciência, interessa a todo mundo.” (Lacan, 1998, p.808)

Esse ponto de ignorância aponta para um não saber inerente ao saber, desconsiderado à medida em que a razão é posta em cena. Um processo que se deu ao longo de três séculos e das descobertas científicas, como a teoria heliocêntrica de Copérnico, que afastou o pensamento ocidental da tradição religiosa, sem, no entanto, abandonar a ideia de um centro. Tudo isso ao custo do padecimento progressivo da verdade. Se antes, havia um campo fronteiro entre saber e verdade, a ciência moderna promoveu o colapso desse espaço; que se apresenta na fenomenologia hegeliana como uma disposição ao revisionismo permanente e a consequente reabsorção de tudo o que houvesse de perturbador na verdade. É pela sustentada recusa da verdade e a resolução imaginária de seus impasses que se recolhe a promessa de um saber absoluto e de um sujeito consumado em sua identidade consigo mesmo.

Ao privilegiar a fala das históricas e apostar que ali haveria um sujeito capaz de produzir um saber sobre si pela palavra, Freud realizou sua descoberta. O inconsciente freudiano abre caminho para o reingresso da verdade no campo da ciência; pois a verdade se impõe na práxis psicanalítica enquanto retorno do reprimido, tanto na singularidade de cada sujeito por meio de seus sintomas, quanto no social, via mal-estar na civilização. A experiência de análise conduz o sujeito a decifrar seu inconsciente e ele o faz a partir de sua estrutura lógica. Nas palavras de Lacan: “O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar

(numa outra cena, escreve ele) se repete, e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e na cogitação a que ele dá forma.” (Lacan, 1998, p.813)

Neste campo estruturado como uma linguagem, Freud descreveu os mecanismos do processo primário, mais tarde formalizados por Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson como substituição e combinação do significante, por meio de seus respectivos efeitos de metáfora e metonímia. Ao retomarmos o título Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano, a descoberta do inconsciente nos termos já apresentados é o que possibilita a Lacan pensar o sujeito que interessa à práxis psicanalítica subvertendo a leitura hegeliana. Para fazê-lo, ele retoma a construção do grafo do desejo, concebido para mostrar as relações que o sujeito estabelece com o significante.

O resgate de algumas coordenadas a respeito do grafo se impõe para acompanharmos a trilha do pensamento de Lacan. O primeiro grafo concebido parece simples e trata do encontro do ser mítico com a cadeia significante enquanto código, um movimento de retroação e a produção de uma mensagem em outro ponto da cadeia. Nesse entre dois significantes, temos a passagem da necessidade à demanda e como seu efeito, o sujeito barrado. Lacan avança na construção do grafo estabelecendo dois patamares. O primeiro patamar é simbólico-imaginário e nele temos o circuito da demanda, enquanto no segundo patamar temos a outra cena, a maquinaria inconsciente que determina o sujeito e como este se relaciona com o Outro. Esses dois patamares operam ao mesmo tempo, no menor ato de fala. Vale destacar que a construção do grafo aponta para uma constituição subjetiva que não é de ordem cronológica, mas lógica.

Voltemos ao sujeito que interessa à psicanálise, a saber: o sujeito do inconsciente. Onde reconhecê-lo em quem nos fala, já que ele mesmo não sabe que diz e nem o que diz? Para além do [Eu] enquanto *shifter* – que designa o sujeito da enunciação a cada vez que ele fala, mas é incapaz de significá-lo – podemos ler algo do sujeito no significante *ne*, presente na língua francesa. O sujeito do inconsciente se imiscui no discurso e dele também temos o vislumbre ao surpreendê-lo pelo corte, especialmente aquele que incide entre significante e significado. Eis o sujeito barrado do qual temos notícia pelos efeitos de *fading*. Ao ler sobre essa condição evanescente na versão francesa comentada do Staferla, encontrei a expressão ‘fantasma da verdade’. Esse sujeito do inconsciente que aparece sempre por um triz, de qual verdade ele é o fantasma? Lacan dá pistas ao dizer que por meio do corte, pode-se surpreender o sujeito vinculado a uma significação, momento de irrupção no pré-consciente. O corte nos permite verificar sua estrutura:

“Esse corte da cadeia significante é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Se a linguística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso.” (Lacan, 1998, p.815)

O sujeito como descontinuidade no real só pôde constituir-se enquanto barrado, ao se subtrair da cadeia significante e descompletá-la, passando a operar nela em sua função de falta e a contar-se a partir de seu ato. Por meio desse ato, o lugar do Outro se distingue como lugar da Fala e testemunha da Verdade, e é por se tratar do lugar do significante, que a Fala pode mentir e a verdade pode se articular a ela em uma estrutura de ficção, que não se deixa conformar à Realidade. Essa concepção de um sujeito que desconhece a verdade que o habita, no qual a verdade aparece como insistência e repetição nos furos discursivos e não anda de mãos dadas com o saber vai de encontro ao sujeito hegeliano, com seu saber absoluto, todo-consciente e as elisões feitas afim de sustentar uma verdade imanente à realização do saber. Para Lacan, o que Hegel privilegia enquanto Astúcia da razão, ainda que seja sedutor, nada mais é que um equívoco.

Lacan se utiliza da dialética do Senhor e do Escravo para expor a razão do erro de Hegel. Duas consciências se encontram e instauram uma luta em busca de reconhecimento e soberania. Uma dessas consciências acaba por renunciar ao gozo por medo da morte e aceita submeter-se como escravo, enquanto a outra assume o lugar de Senhor, mas sem obter o reconhecimento de um igual. Um pacto se institui antes que a violência se consume e no qual se pode ler a primazia do simbólico sobre o imaginário. Começa a se desvelar a relação imaginária na qual o sujeito se aliena e se conforma a uma certa unidade corporal a partir da imagem que recebe do espelho e do assentimento de um outro, do qual necessita devido sua prematuridade e com quem estabelece uma agressividade inerente a sua dependência.

O primeiro patamar do grafo revela que se o eu enquanto consciência garante imaginariamente a si mesmo uma existência incontestável, consequência histórica do cogito “Penso, logo sou”, essa consciência é, na origem, transcendente. O sujeito se dirige ao Outro enquanto tesouro do significante e depara-se com imagens pelo caminho. A fixação em uma imagem para chamar de sua está na dependência de que o sujeito estabeleça uma identificação primeira a um significante do Outro, traço unário no qual ele se aliena e que forma o Ideal do eu. Esse traço unário preenche a marca invisível que o sujeito recebe do significante. O nascimento da possibilidade, Lacan nos diz a respeito da identificação a esse traço e sua

consequente potência significante. Essa identificação provê ao sujeito consistência no significante, mas também o assujeita ao que vem do Outro enquanto insígnia.

Mais adiante, Lacan afirma que o dito primeiro decreta, legifera, sentencia, é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade. Esse dito primeiro ao qual o sujeito se aliena confere desmedido poder àquele que encarna o lugar do Outro e sua obscuridade advém do fato de que, aqui, o significante não é remetido a outro significante que possa produzir um saber a seu respeito. Essa identificação ao significante aliada à imagem que o sujeito recebe de si, antecipada pelo espelho, também opera em uma dimensão temporal – “Efeito de retroversão pelo qual o sujeito, em cada etapa, transforma-se naquilo que era, como antes, e só se anuncia “ele terá sido”, no futuro anterior.” (Lacan, 1998,p.823)

O futuro anterior diz da estrutura do sujeito enquanto efeito de uma retroação significante que o determina e da imagem unificante do próprio corpo. Essa dupla determinação engendrada a partir do significante é escrita no grafo por meio do vetor em sentido único de  $i(a) \rightarrow m$ , composta primeiramente por um curto-circuito que se inicia no sujeito barrado em direção ao Ideal do eu, onde se produz uma fixação, e num segundo momento, o *moi* se completa ao ser articulado como metonímia da significação. A função de desconhecimento que o *moi* exerce repousa na defesa em relação ao saber sobre a origem que o transcende e indica que a dependência existente logo após o nascimento do homem é mantida por um universo de linguagem:

“E, se a *anankê* somática da incapacidade do homem de se mover, a *fortiori* de bastar a si mesmo, durante um período após seu nascimento, garante a base de uma psicologia da dependência, como haveria ela de elidir o fato de que essa dependência é mantida por um universo de linguagem, justamente na medida em que por e através dele as necessidades se diversificaram e desdobraram a tal ponto que seu alcance se afigura de ordem totalmente diversa, quer seja relacionado com o sujeito ou com a política?” (Lacan, 1998, p.826)

É justamente por que há o encontro da necessidade com a linguagem, onde o ser mítico se dirige até o campo do Outro e a cadeia significante desliza até encontrar seu ponto de basta, que o sujeito é arrebatado pelo golpe que desvincula a coisa de seu grito, elevando o signo à condição significante, e o campo da produção de significações se abre, com toda sua diversidade e, ao mesmo tempo, desprezo pela verossimilhança. Temos aqui um primeiro anúncio da potência metafórica e do surgimento do desejo:

“...essas necessidades passaram para o registro do desejo, com tudo o que ele nos impõe por confrontar nossa nova experiência, por seus paradoxos de sempre para o moralista, pela marca de infinitude que nele destacam os teólogos, e até pela precariedade de seu status, (...)” (Lacan, 1998, p.826)

Com a entrada no campo da linguagem, passa-se da necessidade à demanda. Demanda que se dirige ao Outro num apelo incondicional que aliena, mas também produz em sua margem um para além – o desejo, o qual se experimenta como vertigem, por impor sua condição e um limite ao Outro. Por ser articulado ao significante, sem ser articulável, posto que o desejo é justamente o que o significante é incapaz de recobrir, o importante na determinação de seus caminhos não é tanto os acidentes da história do sujeito, mas como eles se estruturam simbolicamente. O fato de que Freud tenha feito uso do mito do Édipo para tratar do sexual na constituição do sujeito nos impõe reflexões sobre o Pai, já que é com o Nome-do-Pai enquanto função que teremos de nos haver.

Ao se valer do Outro como lugar do significante, onde qualquer enunciado de autoridade não tem nele outra garantia senão sua própria enunciação, haja vista que não existe metalinguagem ou, simplesmente, não há Outro do Outro, é como impostor que o Pai se apresenta como aquele que encarna a Lei, mas não de qualquer maneira. É preciso que ele se sustente de modo privilegiado num para-além do sujeito levado a ocupar primeiramente o lugar do Outro – a Mãe – e opere um refreamento perante os caprichos dessa: “É esse capricho, no entanto, que introduz o fantasma da Onipotência, não do sujeito, mas do Outro em que se instala sua demanda (...), e, juntamente com esse fantasma, a necessidade de seu refreamento pela Lei.” (Lacan, 1998, p.828)

É por ser no desejo que a Lei se origina, que ele conserva a autonomia em relação a sua mediação, mas a Lei possibilita ao desejo inverter o incondicional da demanda de amor ao qual o sujeito se aliena ao Outro, elevando-o à potência da condição absoluta, o que implica em uma separação do Outro. Esse caminho não se dá sem angústia e a observação das crianças com seus objetos inseparáveis e insubstituíveis evidencia algo dessa condição absoluta. É o que recolhemos na origem do conceito de objeto transicional, proposto por Winnicott, e Lacan nos adverte que esse objeto promotor de uma separação é apenas emblema e que há um operador a nível inconsciente: Isso, há que dizê-lo, é apenas emblema; o representante da representação, na condição absoluta, está em seu lugar no inconsciente, onde causa o desejo, segundo a estrutura da fantasia que dele extrairemos.” (Lacan, 1998, p.829)

Se o homem não sabe o que deseja, posto que deseja a partir de um não saber, é porque seu desejo é desejo do Outro e o inconsciente que o determina é o discurso do Outro – “Pois aí se vê que a insciência que o homem tem de seu desejo é menos insciência daquilo que ele demanda – que, afinal, pode ser cingido – do que insciência a partir da qual ele deseja.” (Lacan, 1998, p.829). Lacan faz uso do termo insciência para se referir ao ponto de onde o sujeito deseja. Essa opacidade torna o desejo algo estrangeiro ao sujeito, que o faz desejar como Outro. Temos notícias disso pela via da denegação, na qual o sujeito diz de seu desejo como sendo o que ele não quer, protegendo-se do desejo ao atribuir-lhe intermitências que são características de seu eu constituído imaginariamente. O desejo, uma vez articulado ao significante inscrito, é indestrutível. Quando as intermitências se tornam evidentes e deixam espaço para que a pergunta do Outro – *Che vuoi?* – retorne ao sujeito do lugar de onde ele espera um oráculo, abre-se o caminho de seu próprio desejo, ainda que pela mediação do parceiro analista e da pergunta se estabelecer como “Que me quer ele?” Essa pergunta nos faz avançar no segundo patamar do grafo do desejo e assume, nas palavras de Lacan, a “homografia desconcertante” de uma interrogação:

“É esse patamar superposto da estrutura que levará nosso grafo à sua forma completa, por aí se introduzir, antes de mais nada, como o desenho de um ponto de interrogação plantado no círculo do A maiúsculo do Outro, simbolizando com uma homografia desconcertante a pergunta que ele expressa.” (Lacan, 1998, p.830)

Logo adiante, Lacan também lança sua pergunta, que é como um enigma no qual relaciona o grafo do desejo ao significante: “De que frasco ele é o abridor? De que resposta é o significante chave universal?” (Lacan, 1998, p.831)

É importante ressaltar que, para Lacan, a introdução dos algoritmos que compõem o grafo do desejo, enquanto redução dos elementos fonemáticos do significante até seu átomo literal, abre para diferentes leituras. Isso nos possibilita usá-lo em formalizações na clínica e construção de horizontes na direção do tratamento. Os algoritmos não desmentem a impossibilidade de metalinguagem, mas são índices de uma significação absoluta que pode ser evidenciada, por exemplo, na fórmula da fantasia.

Pela fórmula da fantasia  $\$ \diamond a$ , temos acesso ao “momento de um *fading* ou eclipse do sujeito, estreitamente ligado à *Spaltung* ou fenda que ele sofre por sua subordinação ao significante”. Se no primeiro andar do grafo, o eu se constitui a partir da imagem do corpo, no segundo andar, temos o desejo regulado a partir da fantasia, mas não só isso. A fantasia também provê o objeto do qual a imagem no espelho será vestimenta, proporcionando uma sucessão de



desconhecimentos na via do eu ideal ao moi. É essa a via imaginária a ser atravessada por uma análise, na qual o [Eu] da enunciação, recalcado e bem guardado pela fantasia, experimenta a surpresa e advém justamente lá onde Isso estava. Por meio da fantasia, nos aproximamos mais do sujeito do inconsciente e da cadeia significante com ele recalcada. Esse sujeito, quase inacessível no enunciado, é possível designá-lo a partir da pulsão: “Daí o conceito de pulsão com que ele é designado por uma localização orgânica, oral, anal etc., que satisfaz à exigência de estar tão mais longe do falar quanto mais ele fala.” (Lacan, 1998, p.831)

A fórmula da pulsão ( $\$ \diamond D$ ) localiza-se no segundo patamar do grafo, como tesouro dos significantes, homóloga ao lugar do Outro do primeiro patamar, mas não sem alguma distinção. Enquanto no primeiro patamar, há uma sincronia significativa, ao passarmos para o segundo patamar, onde o Outro é convocado a responder pelo tesouro que comporta, essa resposta se dá nos termos da pulsão. A satisfação pulsional do sujeito passa necessariamente pelos significantes da demanda do Outro; em contrapartida, uma diacronia significativa se estabelece. O circuito pulsional é revelado pelo desvanecimento do sujeito e da própria demanda. Resta o corte, que distingue a pulsão da função orgânica que ela habita e se beneficia das bordas anatômicas que o corpo oferece. A pulsão se decanta até o artifício gramatical, demonstrado por Freud, que revela os reviramentos de sua articulação com a fonte e com o objeto. Os objetos são propriamente efeitos do corte – mamilo, cíbalo, falo, fluxo urinário, fonema, olhar, voz e são considerados parciais, não tanto por fazerem parte do corpo enquanto um suposto objeto total, mas por só representarem parcialmente a função que os produz. Não possuem imagem especular, e isso é o que permite a eles serem o estofado do sujeito da consciência, que supõe poder ter acesso a si mesmo por meio de seu enunciado, mas que não passa ele próprio de um objeto parcial.

Chegamos ao ponto do grafo em que toda cadeia significante se honra ao fechar sua significação, onde o efeito que recolhemos da enunciação inconsciente é S (A barrado) – significante de uma falta no Outro. Eis a resposta à pergunta endereçada ao Outro. De que se trata essa falta? Não há Outro do Outro. Poderíamos cruzar os braços e tomar essa resposta como última palavra, mas Lacan nos recorda que nosso ofício nada tem de doutrinal e relança sua aposta:

“Quanto a nós, partiremos do que a sigla S (A barrado) articula, por ser antes de tudo significante. Nossa definição do significante (não existe outra) é: um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse

significante, todos os demais não representariam nada. Já que nada é representado senão para algo.” (Lacan, 1998, p.833)

São as últimas páginas do texto, estamos diante de um novo ponto de partida, e algo salta aos olhos – todos os significantes estão do lado direito do grafo, exceto S (A barrado). Um significante que não está com os outros e resta isolado. Trata-se mesmo de um significante? O que o diferencia dos outros? Ao retomar o mito do Pai morto, Lacan aponta que, ainda que ele esteja morto, em seu túmulo vazio jaz o significante. Esse significante que ordena a cadeia, opera tal qual um traço que se traça por seu círculo sem que nele se inclua, e que se pode escrever como um (-1) no conjunto dos significantes. Ainda que ele, enquanto significante, não seja pronunciável, sua operação o é. Essa operação se produz a cada vez que um nome próprio é pronunciado e o enunciado se iguala à significação. Aqui, Lacan estabelece diálogo com a matemática e os números complexos, termo cunhado por Euler. Os números complexos são compostos por uma unidade imaginária, cujo símbolo é  $i$  e uma parte real igual a zero. O símbolo  $i$  representa uma ideia abstrata, porém precisa, que obedece às regras da aritmética, e serviu de esteio para o avanço da ciência física moderna. O número imaginário mais conhecido é  $\sqrt{-1}$ , o mesmo que recolhemos quando o enunciado se iguala à significação. Trata-se aqui da própria indeterminação do sujeito do inconsciente, que não se esgota no cogito – Penso, logo sou – pois ele é justamente o impensável. Lacan se interroga de onde vem o ser que aparece como faltante no mar de nomes próprios.

Tendo em vista que não há Outro do Outro, nos damos conta que, para além de saber se haveria ou não essa existência garantidora, é mesmo sobre a própria existência o problema com o qual o cogito tentou se haver, na aposta de que o pensamento pudesse enfim, dizer do que se é:

“Que sou [Eu]?”

Sou no lugar de onde se vocifera que o ‘universo é uma falha na pureza do Não-Ser.’

E não sem razão, porque, para se preservar, esse lugar faz o próprio Ser ansiar com impaciência. Chama-se o Gozo, e é aquele cuja falta tornaria vão o universo.” (Lacan, 1998, p.834)

A cada atualização do encontro do sujeito barrado com a cadeia significante, temos como efeitos desse cruzamento o desejo como margem não recoberta pela demanda, e a voz como objeto, impureza que escapa ao significante, revelando sua falha. Desse encontro, no qual o sujeito se descobre mortal, não se recolhe qualquer verdade última, mas a falha a ser

preservada enquanto lugar do Ser – falha que resta como lugar vazio e que Lacan nomeia Gozo. É na condição de lugar determinado pelo simbólico, que a falta do Gozo tornaria vazio o universo, pois nesse lugar, a cada vociferação, o Ser se presentifica enquanto falta, por ser o que falta ao Outro. Essa falta no Outro, localizada na cadeia inferior, só é registrada na cadeia superior, enquanto S (A barrado). Precisamente por não haver significante que o corresponda como sujeito, cabe a ele se encarregar do gozo, ainda que esse lhe seja proibido. Não por culpa do Outro, dado que ele não existe, e “...não existindo o Outro, só me resta imputar a culpa ao [Eu], isto é, acreditar naquilo a que a experiência nos conduz a todos, com Freud na dianteira: ao pecado original.” (Lacan, 1998, p.834)

O que Lacan chama pecado original, formulado por Freud a partir do mito edipiano como complexo de castração é efeito do encontro com a linguagem e recai para o sujeito, posto que é o único que pode se haver com essa condição. Não existe alguém que possa responder do Outro lado. É no complexo de castração que podemos reconhecer a mola mestra que articula a subversão do sujeito com a dialética do desejo. Ela abre caminho para supor um sujeito que é determinado pelo significante, mas não completamente. Ao se subtrair da cadeia, resta a ele contar-se como falta no Outro e essa é a mensagem que se repete a cada vez. Mais do que isso, o que nos interessa, enquanto analistas, é saber como cada um lida com essa mensagem destinada a si mesmo. Se o começo deste texto deu ênfase ao diálogo de Lacan com Hegel é porque os esforços realizados pelo pensamento moderno visaram evitar, contornar ou encobrir aquilo que se punha à margem da concepção de um sujeito todo-consciente.

No ponto em que estamos, faz-se necessário articular de modo apreensível Gozo, S (A barrado) e o complexo de castração. Se o Gozo imprime um limite ao significante, ele também está proibido ao ser falante, haja vista que pelo significante, só se pode dizer do gozo nas entrelinhas, pois se tudo pudesse ser dito, o universo seria vazio. Há gozo precisamente por não se poder dizer mais que entrelinhas. Diante do imperativo: Goza (Jouis!), a resposta possível ao sujeito é: Ouço (J’ouis.). Passamos da concepção de Lei como fundante da proibição a uma lei que se funda na proibição:

“...não é a Lei em si que barra o acesso do sujeito ao gozo; ela apenas faz de uma barreira quase natural um sujeito barrado. Pois é o prazer que introduz no gozo seus limites, o prazer como ligação da vida, incoerente, até que uma outra proibição, esta incontestável, se eleve da regulação descoberta por Freud como processo primário e pertinente lei do prazer.” (Lacan, 1998, p.836.)

Pela via do prazer, limites são introduzidos ao gozo, o que nos faz pensar no corpo. Não mais o corpo biológico, da necessidade, mas um corpo que evoca a dimensão do que não pode ser simbolizado pelo significante. Retomemos o exemplo da voz, que aparece no grafo como o que resiste à ação do significante e no que dele ressoa enquanto ligação com a vida. Esses limites introduzidos pela via do prazer, Lacan pontua, não são definitivos, são passíveis de contestação. É preciso que uma outra proibição se inscreva - “É a simples indicação desse gozo em sua infinitude que comporta a marca de sua proibição e, para constituir essa marca, implica um sacrifício: o que cabe num único e mesmo ato, com a escolha de seu símbolo, o falo.” (Lacan, 1998, p.836)

O estabelecimento de uma marca implica uma operação simbólica. O que permite ao falo ser essa marca é o fato de que, enquanto imagem do pênis, ele é negativizado na imagem especular. No momento em que o sujeito se aliena à imagem do semelhante,  $i(a)$ , o falo é justamente o que não está lá, e por sua ausência, dá corpo ao objeto de desejo do Outro. Temos então uma operação simbólica atrelada à função imaginária que se sacrifica a ela. Essa função imaginária oferece seu instrumento ao mesmo tempo que vela a falta introduzida pelo significante; e pode ser concebida a partir do narcisismo de Freud, onde a imagem especular funciona como canal de transfusão da libido do corpo ao objeto. Parte dessa imersão, é esse o termo utilizado por Lacan ao falar desse canal estabelecido a partir do espelho, fica preservada e concentra em si o que há de mais íntimo no autoerotismo, ou seja, o que não está no espelho, o que se perdeu da imersão no espelho se une ao autoerotismo do modo mais íntimo. Essa perda leva o sujeito a buscar em seu corpo justamente aquilo que escapa à captação imaginária. Nesse sentido, o autoerotismo é profundamente marcado pela alienação, pois é a própria inscrição do  $-\phi$  (phi minúsculo) que responde ao desejo do Outro.

“Assim é que o órgão erétil vem a simbolizar o lugar do gozo, não como ele mesmo nem tampouco como imagem, mas como parte faltante na imagem desejada: por isso é que ele é igualável ao  $\sqrt{-1}$  da significação, produzida acima, do gozo que ele restitui, pelo coeficiente de seu enunciado, à função de falta de significante (-1).” (Lacan, 1998, p.837)

O que se pode recolher dessa articulação é que o falo opera em três registros – enquanto parte que falta na imagem desejada ( $-\phi$ ), falta de um significante (-1) e como aquele que interdita o gozo. A passagem da imagem fálica à condição significante leva a sua positivação,  $\phi$ , phi maiúsculo, ainda que seja para preencher uma falta. Esse falo simbólico impossível de negativizar é o significante do gozo. Se o falo opera como interdição ao gozo infinito, não é por

ser eréctil, pois ao se tentar acessar o gozo pela via masturbatória, o que se encontra é a redução de qualquer gozo cobiçado à sua brevidade. O que a experiência analítica aponta é a culpa que essa prática evoca ao consagrar o falo em sua estrutura que enoda o órgão real, a função de significante e seu uso imaginário.

Partimos do S (A barrado) e chegamos ao falo, não como falta a nível do Outro, mas como marca desta falta, marca do -1, que inscreve tanto a interdição ao gozo infinito, como também a falta a nível significante que deixa inscrito algo do gozo. Se o gozo já não é mais infinito, ele é marca do limite do significante.

A insistência de Lacan em não somente afirmar que não há Outro do Outro, mas de demonstrá-lo a partir do grafo aponta algo intolerável para o sujeito – o que falta no Outro é justamente a palavra última que poderia dizer dele. Do reiterado encontro com o significante, o que se recolhe é o desejo enquanto Falta-a-Ser ou um A-mais, que vocifera ali onde a palavra falta, restando o objeto. Essa barra própria da estrutura de linguagem, que se inscreve na castração por meio do significante falo, é o que possibilita ao sujeito recusar o gozo para atingi-lo na escala invertida da Lei do desejo. Mas sustentar o desejo, já sabemos, não é vivido sem angústia e implica em uma separação. É justamente a angústia frente ao desejo do Outro que leva à estratégia neurótica de identificar a falta do Outro com sua demanda, reduzindo a fantasia à pulsão. A fantasia contém o  $-\phi$ , função imaginária da castração, que opera de modo oculto e reversível de um termo ao outro pela imaginarização, tal qual um número complexo.

À posição neurótica se contrapõe a de Alcibíades, com sua declaração a Sócrates, na qual o convoca a ceder-lhe o *agalma*, e se exhibe como desejante, não em relação a Sócrates (ele bem o nota), mas em relação a Agatão. Esse trecho exemplar d'O banquete nos serve de lição sobre a transferência, ao apontar que o efeito de amor-ódio vivido na situação analítica está em Outro lugar, e que o analista presentifica esse objeto encantatório por seus reflexos e que corresponde ao segundo termo da fantasia – objeto a. No caso de Alcibíades, Sócrates ocupa esse lugar na condição idealizada de Mestre. Já o neurótico se esforça por sustentar seu eu através da insinuação do  $(-\phi)$  sob o \$, primeiro termo da fantasia, na qual assume a castração imaginária para não ter de se haver com a simbólica. E precisamente por isso ele experimenta, a cada vez que se pronuncia seu nome próprio, um mal-estar, abalo na imagem à qual ele tanto se dedica pois o que é o nome próprio senão fruto de um desígnio que o transcende. Para ele, melhor seria ser Sem-Nome. É por se valer do Outro enquanto lugar do Mestre/Senhor, que o neurótico supõe plenamente encarnado, que ele se recusa a sacrificar sua diferença ao gozo daquele, na crença de que é justamente a sua castração que o Outro demanda. Ele o faz às custas

de seu apagamento. Neste ponto, nos encontramos na contramão dos pós-freudianos, cuja práxis visava ao reforço do ego. Para isso, o neurótico pouco precisa de ajuda.

Ao sustentar a aposta de que nosso sujeito, diferentemente daquele forjado pela filosofia moderna e suposto alcançar um saber pleno sobre si, apresenta-se determinado pelo significante, é que se abre caminho para pensar uma prática distinta, baseada não mais no discurso tecido entre simbólico e imaginário, mas dedicada a fazer emergir o sujeito do inconsciente. A cada furo no discurso, no esgarçar dos sentidos, surpreender nosso fantasma em sua divisão, momento em que se renova a experiência de vertigem que lhe é própria. Não é só uma direção de tratamento que se anuncia, mas uma posição ética que se impõe a nós enquanto psicanalistas.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.